

A INTERDISCIPLINARIDADE COMO UM CAMINHO POSSÍVEL PARA UMA EDUCAÇÃO INTEGRAL¹

Fabiano Barros*

Orientador : Prof. Maurício Perondi

RESUMO

Esse artigo tem como principal objetivo discutir a educação integral a partir de um trabalho interdisciplinar, considerando a interdisciplinaridade como requisito fundamental para a concretização da educação integral na escola contemporânea. A pesquisa foi realizada junto ao corpo docente, direção, supervisão e alunos da Escola Municipal de Ensino Fundamental Décio Martins Costa em Porto Alegre, situada no bairro Sarandi. A metodologia utilizada para a realização da pesquisa é a pesquisa-ação crítico-colaborativa a partir dos referenciais de Pimenta (PIMENTA, 2005). O presente trabalho visa proporcionar uma perspectiva acerca da visão de parte do quadro docente, área diretiva e dos alunos desta instituição, a respeito da ideia de se realizar um trabalho interdisciplinar para uma educação integral de qualidade. Os resultados alcançados a partir da pesquisa demonstram que os professores entrevistados estão bastante motivados e dispostos a desenvolver esse tipo de trabalho, enquanto que os alunos se mostram abertos a novas metodologias que proporcionem a eles novas experiências.

Palavras-chave: Educação Integral; Interdisciplinaridade; Educação Básica;

¹ Artigo final referente ao Curso de Especialização em Educação Integral na Escola Contemporânea: ênfase na abordagem teórico-metodológica Trajetórias Criativas

*Fabiano Barros é graduado em Artes Visuais pelo Instituto de Artes – UFRGS e Pós-graduando em Educação Integral pela Faculdade de Educação, FACED – UFRGS.

Assim estamos: cegos de nós, cegos do mundo. Desde que nascemos, somos treinados para não ver mais que pedacinhos. A cultura dominante, cultura do desvinculo, quebra a realidade presente; proíbe que o quebra-cabeças seja armado. (Galeano, 1990)

INTRODUÇÃO

O que percebemos hoje em nossas escolas, de maneira geral, é que as metodologias de ensino estão ultrapassadas e não contemplam os interesses dos nossos alunos. A maioria dos professores brasileiros utilizam metodologias de ensino tradicionais, baseadas em conteúdos disciplinares que não mais dão conta de ensinar para a complexidade. Podemos chamá-la de “educação bancária”, como dizia Paulo Freire (1971 p.74). Vemos também, que a maioria dos professores não possui formação adequada para trabalharem com projetos de ensino e muito menos de forma interdisciplinar. Trata-se de um fator que deve ser olhado com bastante atenção para que as mudanças tão desejadas no ensino, se tornem realidade. Neste sentido, é preciso questionar se a principal questão a ser investigada recai na predisposição dos docentes em aceitar as inovações metodológicas que o trabalho interdisciplinar requer. É, de fato, uma decisão somente dos docentes ou depende também das condições oferecidas pela escola? E os alunos, o quê pensam a respeito desta perspectiva de ensino a partir de projetos interdisciplinares? Faz-se necessário refletir sobre as nossas metodologias de ensino para que a educação consiga atingir seu principal objetivo, que é o de formar cidadãos conscientes de seu papel, que sejam críticos e protagonistas na sociedade.

A educação integral se propõe ampliar o diálogo entre escola e comunidade para ampliar os espaços de interação entre culturas e saberes, um conceito fundamentado na concepção de Paulo Freire (2006) que aponta o diálogo como um objetivo a ser conquistado. A Educação Integral constitui-se em uma estratégia para garantir atenção e desenvolvimento integral das crianças, adolescentes e jovens. Na atualidade a questão da interdisciplinaridade retorna com muita intensidade por tratar de analisar os fenômenos de forma integrada e desenvolvendo múltiplos conhecimentos. O interesse pela interdisciplinaridade não é recente no campo educacional, mas ela ganha nova força pela crescente complexificação da realidade.

Este trabalho procura discutir a educação integral a partir de um trabalho interdisciplinar e apresenta os resultados da pesquisa realizada na E.M.E.F. Décio Martins Costa em Porto Alegre, fundada em 1º de março de 1963. A escola está situada na rua Cristóvão Jacques 488, no bairro Sarandi e conta com aproximadamente oitenta professores entre os turnos da manhã e tarde.

Caracterizada como pesquisa qualitativa, esta pesquisa pretendeu compreender e descrever, através de perguntas semiestruturadas, a visão dos seguintes grupos em estudo: área diretiva e supervisão pedagógica, professores e discentes. Podendo ser classificada como, segundo a literatura, pesquisa crítica colaborativa, devido à percepção de que propõe experiência sustentada na reflexão coletiva, com o objetivo de propor mudanças na metodologia de ensino da escola onde temos a ação docente. Este trabalho não pretende apenas compreender ou descrever o mundo da prática, mas pensar possibilidades que contribuam para transformá-lo, pois de acordo com Franco (2005, p. 53) “é um mergulho na práxis do grupo social em estudo, do qual se extraem as perspectivas latentes, o oculto, o não familiar que sustentam as práticas, sendo as mudanças negociadas e geridas no coletivo”.

Educação integral e interdisciplinaridade: relações possíveis

Cada vez mais a educação integral ganha adeptos entre os formuladores de políticas públicas e especialistas em educação. Contudo, nem sempre todos veem da mesma forma como esse processo de integralização da jornada escolar deve acontecer. Ele deve se concretizar a partir da ampliação de tempos, espaços e oportunidades educativas que qualifiquem o processo educacional e melhorem o aprendizado dos alunos. Apesar de as discussões sobre educação integral serem contemporâneas, o tema é recorrente na história da educação brasileira desde a primeira metade do século XX, quando foi introduzido no cenário educacional pelos defensores do movimento denominado Escola Nova. Anísio Teixeira (1900- 1971) é seu maior representante. Na década de 1980, a proposta foi retomada por Darcy Ribeiro, nessa ocasião, criou os Cieps - Centros Integrados de Educação Pública, que tinham o objetivo de oferecer ensino de qualidade e atividades culturais em tempo integral para crianças e adolescentes.

Neste contexto, de educação integral de qualidade, evidencia-se a necessidade de romper com a escola que fragmenta os conhecimentos e os distancia da realidade dos educandos, criando no ambiente escolar a perspectiva de que a vida do aluno e a escola estão distante no tempo e no espaço, tornando os conhecimentos acadêmicos sem significado para aplicação prática na vida cotidiana. Desta maneira, a interdisciplinaridade possui um papel importante na qualificação da educação integral e é defendida por diversos estudiosos. Metodologia inovadora, ela aparece no texto das diretrizes e dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNEM – BRASIL, 1999), ao lado da contextualização, como eixo integrador, na perspectiva de tornar significativos e menos fragmentados os conteúdos ensinados. Nesse contexto, o ensino disciplinar, caracterizado pelo tratamento estanque dos conteúdos, deixa de fazer sentido.

Quanto ao termo interdisciplinar, devemos reconhecer que este não possui um sentido epistemológico único e estável. Trata-se de um neologismo cuja significação nem sempre é a mesma e cujo papel nem sempre é compreendido da mesma forma. Não se pretende negar o importante papel das disciplinas curriculares, contudo, as mesmas devem estar relacionadas com o conhecimento da vida dos próprios estudantes, de modo que tenham mais sentido para eles. Dentro desta perspectiva, penso que as disciplinas são incapazes de abarcar a complexidade da realidade devido a sua parcialidade e sua insuficiência em dar respostas a todos os conteúdos necessários para a formação integral das pessoas. Tal perspectiva é realçada por Zabala (2002, p.63), ao afirmar que “o conhecimento científico estruturado em disciplinas coloca dois problemas básicos: sua insuficiência e sua fragmentação”.

No entanto, um trabalho que utilize os problemas da vida real como objeto de estudo, onde as disciplinas oferecem os meios para a sua investigação e interpretação é, possivelmente, a metodologia mais apropriada para que obtenhamos as respostas necessárias à resolução desses problemas. Em suas definições o autor Japiassu (1976 p.73), discute os conceitos de disciplinaridade, multidisciplinaridade e a pluridisciplinaridade – considerados etapas para se chegar à abordagem interdisciplinar. Para ele, disciplinaridade significa exploração científica numa certa área de estudo; a multidisciplinaridade significa uma gama de disciplinas que são propostas simultaneamente, mas sem relações entre elas, exemplo: matemática + música + história); a pluridisciplinaridade significa a justaposição de diversas disciplinas em um mesmo nível hierárquico, e agrupadas de modo a fazer aparecer a relação existente entre elas. Trata-se de disciplinas mais ou menos vizinhas nos domínios do conhecimento: exemplo: física + química + biologia. Para o autor, esses dois níveis são simples justaposição, sem implicar necessariamente um trabalho de equipe e coordenado. No nível multidisciplinar existem apenas trocas de informação entre uma ou duas especialidades, sem que as disciplinas sejam chamadas a contribuir para a solução de um problema. O mesmo ocorre com o nível pluridisciplinar, apesar de neste haver alguma relação entre as disciplinas, possibilitada por sua proximidade no domínio do conhecimento. Contudo, a interdisciplinaridade caracteriza-se como uma interação mais profunda onde os diversos conhecimentos e competências se integram e se entrelaçam em um nível mais profundo, quando as trocas de conceitos favorecem ambas as áreas do conhecimento ampliando as perspectivas acerca de um objeto de estudo. Como afirma Japiassu:

“Este pode ser caracterizado como o nível em que a colaboração entre as diversas disciplinas ou entre os setores heterogêneos de uma mesma ciência conduz a interações propriamente ditas, isto é, a uma certa reciprocidade nos intercâmbios, de tal forma que, no final do processo interativo, cada disciplina saia enriquecida. Podemos dizer que nos reconhecemos diante de um empreendimento interdisciplinar todas as vezes em que ele conseguir incorporar os resultados de várias especialidades, que tomar de empréstimo a

outras disciplinas certos instrumentos e técnicas metodológicas, fazendo uso dos esquemas conceituais e das análises que se encontram nos diversos ramos do saber, a fim de fazê-los integrarem e convergirem, depois de terem sido comparados e julgados”. (JAPIASSU, 1976, p.74).

Outra autora que se destaca nas pesquisas sobre a interdisciplinaridade é Ivani Fazenda (1979). Para ela, é somente na troca, numa atitude conjunta entre educadores e educandos visando um conhecer maior e melhor, que a interdisciplinaridade no ensino ocorrerá como meio de conseguir uma formação geral, como meio de atingir uma formação profissional, como incentivo à formação de pesquisadores e pesquisas, como condição para uma educação permanente, como superação da dicotomia ensino/pesquisa e como forma de compreender e modificar o mundo, afirma que: *interdisciplinaridade não é categoria de conhecimento, mas de ação* (FAZENDA, 1994, p. 28). Assim afirma que a interdisciplinaridade depende de atitude, de uma mudança de postura em relação ao conhecimento, uma substituição da concepção fragmentária para a unidade do ser humano. É bastante evidente a ênfase dada ao sujeito para que se promova uma transformação no conhecimento, pois

é a ousadia da busca, da pesquisa, é a transformação da insegurança num exercício do pensar, num construir. A solidão dessa insegurança individual que vinca o pensar interdisciplinar pode transmutar-se na troca, no diálogo, no aceitar o pensamento do outro. (FAZENDA, 2009b, p. 18)

Os caminhos e o cenário da pesquisa

Em nossas escolas, em especial naquela onde leciono, percebo que a metodologia utilizada no ensino/aprendizagem é a de conteúdos disciplinares. Acredito que esta escolha se deve, em parte, ao acomodamento da escola frente às transformações que deveriam ocorrer em suas práticas pedagógicas. Talvez isso ocorra devido a falta de estímulos por parte das políticas educacionais da mantenedora ou apego dos profissionais envolvidos que insistem em continuar fazendo aquilo que sempre deu certo. Acredito que a falta de formação adequada dos docentes e o desconhecimento das novas metodologias de ensino contribuem em muito, para manter esta realidade a qual estamos inseridos. Tais mudanças exigem grandes esforços em direção a um amplo movimento que favoreça a superação dos paradigmas que sustentam as práticas vigentes na escola contemporânea.

Acredito, ainda, que existe uma grande insegurança por parte dos docentes em compartilhar e expor sua visão acerca das metodologias de ensino interdisciplinar. Todavia, em sua grande maioria, os docentes afirmam com muita tranquilidade que se sentem preparados e acreditam que a interdisciplinaridade qualificaria o processo de ensino/aprendizagem, apesar do destaque realizado por Zabala (2002, p. 490), ao afirmar que “qualquer tipo de organização de conteúdos escolares que não siga a lógica disciplinar dificilmente será entendido e aceito. É mais fácil se refugiar na segurança do que sempre foi igual”.

A pesquisa realizada está baseada na teoria da pesquisa-ação crítica-colaborativa (PIMENTA, 2005), devido à percepção de que a partir dos trabalhos iniciais da pesquisa, a visão do grupo e suas metodologias de ensino poderão ser transformadas. O processo valoriza a construção cognitiva da experiência, sustentada por uma reflexão coletiva, com o objetivo de propor mudanças na metodologia de ensino da escola. Tal pesquisa caracteriza-se como qualitativa e pretende compreender e descrever o mundo da prática e contribuir para transformá-lo, sendo um mergulho na práxis do grupo em estudo.

O grupo pesquisado é constituído por uma pessoa da supervisão pedagógica, um profissional da direção, doze professores e doze alunos, com idades entre 12 e 16 anos, estudantes do 7º, 8º e 9º anos. Todos fazendo parte da E.M.E.F. Décio Martins Costa, que conta com educação infantil até o nono ano, divididos em três ciclos de aprendizagens. Atualmente, conta com aproximadamente mil e cem alunos e é considerada pela mantenedora como uma escola de tamanho médio. A escola está situada na periferia de Porto Alegre muito próxima às instalações do conhecido Porto Seco, em uma comunidade de baixa renda, envolvida por um contexto de criminalidade e de violência latente. O critério de escolha dos alunos surgiu da observação de como se relacionam com a escola, através do nível de efetividade que mantêm com o ambiente escolar, incluindo-se neste, colegas e professores. Os docentes foram escolhidos por lecionarem no terceiro ciclo (7º, 8º e 9º anos) aleatoriamente. Ainda, foram entrevistadas a vice-diretora da escola e uma supervisora pedagógica.

O que pensam os sujeitos envolvidos na pesquisa

A partir de uma observação participante atenta, e de uma análise feita a partir das entrevistas realizadas, surgiram algumas hipóteses e conclusões reveladoras das expectativas e intencionalidades dos entrevistados. A seguir buscaremos expor os resultados alcançados com as entrevistas e interpretaremos as passagens consideradas mais relevantes com relação ao tema da pesquisa. Com relação aos resultados das entrevistas realizadas com os alunos: ao perguntar sobre as mudanças que aumentariam seu interesse e participação nas aulas, obtivemos as seguintes respostas: “aulas com passeios, como em museus”; “menos cópias e mais explicação”; “professores mais extrovertidos”; “ensinassem de um jeito diferente”; “passeios, mais atividades em grupo”; “passeios e filmes”; “passeios e aulas sem escrever no quadro”; “aulas diferentes como ir a passeios”; “mais passeios e filmes”. (Respostas dos estudantes de 7º ao 9º ano, participantes da pesquisa).

Quando questionados a respeito de como gostariam que os conteúdos disciplinares fossem trabalhados surgiram as seguintes afirmativas: “com mais de um professor”; “explicações e

atividades”; “diferente, ensinar um pouco mais”; “com filme para depois estudar”; “trabalhados juntos”; “mais alegria, trabalhos orais, atividades fora da sala de aula”; “debates, sobre os conteúdos, fazer passeios”; “debater sobre o conteúdo”; “mais debates, é legal!” (Respostas dos estudantes de 7º ao 9º ano, participantes da pesquisa).

Percebemos que alguns alunos manifestam o desejo de que os trabalhos fossem realizados por mais de um professor em sala de aula, uma clara alusão aos trabalhos interdisciplinares; com aulas mais explicativas e integradoras, e que outras maneiras de avaliação seriam positivas, como por exemplo; debates a respeito dos assuntos estudados.

Ao serem questionados se acreditariam em uma proposta de ensino que reorganize os conteúdos disciplinares de formas diferentes obtivemos as seguintes respostas: “Sim, é sempre bom tentar coisas novas”; “Sim, seria mais interessante e mais divertido”; “Sim, gostaria”; “Sim, a escola está muito longe do dia a dia”; “Sim, fica mais interessante”; “estamos cansados de ficar na sala de aula”; “Sim, seria melhor” (Respostas dos estudantes de 7º ao 9º ano, participantes da pesquisa). A partir destes excertos percebe-se explicitamente a disposição por parte dos alunos em tentar algo que traga novidades, soa quase que como um pedido de “socorro”, como que se algo precisasse ser feito para salvar seus interesses pela escola.

A respeito da possibilidade de utilização de uma metodologia de ensino baseada em projetos interdisciplinares, alguns alunos demonstram desconhecimento acerca do assunto; outros, afirmam já terem participado de experiências semelhantes. Assim, em todas as respostas percebemos, novamente, que estão extremamente motivados prontos para novas experiências, como podemos confirmar através dos fragmentos abaixo: “Sim, já participei e achei muito legal”; “Sim, gostei em ciências e artes”; “Não, mas gostaria de conhecer, deve ser legal”; “Interessante, mas não participei”; “Não sei o que é!”; “Sim, e acho bem legal”; “Sim, é bem legal, a CUFA (Central Única das Favelas) veio dar uma palestra”; “Sim, acho bem legal”; “Sim, acho diferente e bom”; “Sim, o passeio que fomos para estudos”; “deve ser melhor, mas, nunca participei”; “Sim, bem legal” (Respostas dos estudantes de 7º ao 9º ano, participantes da pesquisa). As falas dos estudantes remete a importância do desenvolvimento de projetos que rompam com alguns paradigmas vigentes nos processos educativos tradicionais. Destacando tal ideia, Padilha (2004) aponta que:

Trata-se de abrir a mente e o coração para as diferentes possibilidades de ensino e de aprendizagem que fomos capazes de realizar, como sujeitos criativos, emocionais, sensíveis, criativos, relacionais, transformadores, políticos e culturais que somos, e de buscarmos articular saberes a partir de projetos integrados e integradores, de ações e parcerias intergeracionais, intersetoriais e interculturais. (PADILHA, 2004, p.22)

Quando questionados a respeito de a escola valorizar suas experiências e seus saberes adquiridos fora da escola obtivemos as seguintes respostas: “sim, mesmo fora da escola é uma aprendizagem importante”; “Não, pois o professor precisa passar seus conteúdos”; “Acho que sim”; “Sim, acho”; “Não valoriza”; “Sim”; “Não, pois não busca saber o que a gente gosta”; “Não, não busca saber o que a gente gosta”; “não, eles não sabem” (Respostas dos estudantes de 7º ao 9º ano, participantes da pesquisa). As respostas são conflitantes, mas, a maioria das respostas considera que a escola está distante de seus interesses extraclasse, demonstrando que a escola ocupa um lugar que não dialoga com o conhecimento que os alunos trazem para a escola. Podemos exemplificar, através da música e desenhos, animes ou mangas, seus filmes preferidos, seu modo de falar e de vestir-se; quase nada é valorizado pela escola, ao invés disso, poderiam servir de ferramenta para a interpretação do mundo através do conhecimento formal oferecido pela escola. Estes são os interesses do mundo deles e qualquer ensino que seja descontextualizado desta realidade dificilmente será compreendido pelos educandos, como afirma Zabala:

O objetivo do ensino consiste em preparar os meninos e meninas para serem capazes de dar respostas aos problemas que lhes colocará sua vida pessoal, social e profissional, devemos entender que o que se deve tratar na escola são esses problemas, ou seja, o que podemos denominar *a realidade, o mundo real*. (ZABALA, 2002 P. 59)

Quando analisamos as entrevistas da área diretiva e de supervisão pedagógica, transparece a ideia de que existem grandes limitações estruturais, financeiras e até mesmo burocráticas, decorrentes da falta de uma política séria e objetiva para a educação integral. No Brasil, em todas as esferas governamentais: como podemos perceber nos fragmentos extraídos das entrevistas. Quando foram questionados a respeito de como deve ser um currículo escolar, tivemos as seguintes afirmativas: “deve ser significativo para todos, com alternativas para conhecer melhor o mundo, dando condições para os sujeitos intervirem de forma criativa, consciente e crítica na sociedade”; “pensado coletivamente, desenvolvimento integral do educando” (respostas da direção e da coordenação pedagógica).

A respeito das principais mudanças e obstáculos a serem superados para que a interdisciplinaridade aconteça na escola, recolhemos as seguintes respostas: “falta de política séria de educação no país”; “métodos tradicionais de ensino”, “escolas sucateadas, falta de recursos materiais, falta de distribuição igualitária de recursos no país”; “organização da escola, falta de tempo, falta de comprometimento dos docentes e gestores com o estudo, planejamento e avaliação do próprio trabalho” (respostas da direção e da coordenação pedagógica).

A partir das afirmativas, percebemos que falta a escola rediscutir seu currículo levando em consideração a interdisciplinaridade como metodologia de ensino/aprendizagem, libertando-se da

organização disciplinar que temos hoje, como afirma Zabala (2002, p 48-49) “(...) é preciso saber como fazer uma análise ponderada da forma de organizar os conteúdos quando o debate sobre os conteúdos de aprendizagem está totalmente mediado pela estrutura disciplinar”.

Com relação aos benefícios, que tal proposta poderia trazer, obtivemos: Sim, pois articula saberes, valoriza a diversidade, valoriza o conhecimento dos educandos, seus interesses e amplia as aprendizagens; “sim, qualificaria o processo de ensino/aprendizagem”.

Quando perguntados se os professores dariam conta dessa metodologia de ensino, temos as seguintes afirmações: “sim, é possível, mas é preciso de apoio pedagógico, estrutura adaptada em tempo/espço (estudar, planejar, avaliar o processo), necessita de um compromisso coletivo”; “Investindo em formação e melhores condições de trabalho, etc.” (respostas da direção e da coordenação pedagógica).

No que se refere à possibilidade de o currículo passar a ser de caráter interdisciplinar; obtivamos as seguintes respostas: “uma possibilidade muito próxima”; “forte possibilidade, a partir da articulação dos professores”. Ainda, percebemos um distanciamento no sentido de como viabilizar a interdisciplinaridade na escola. Ficamos carentes de protagonismo, sem iniciativas que viabilizem as mudanças necessárias para a efetivação da proposta. Devemos pensar: poderia partir tal iniciativa da área diretiva ou pedagógica através de um movimento que crie as condições necessárias para sua execução?

Ao questionar sobre quais mudanças deveriam ser feitas para a interdisciplinaridade virar realidade na escola, foram dadas as seguintes respostas: “conceber um currículo de caráter interdisciplinar, mudar a forma tradicional de se entender e produzir saberes”; “postura frente ao planejamento, mudança de estratégias, construção coletiva” (respostas da direção e da coordenação pedagógica). Como vimos acima, é necessária uma mudança em direção a um currículo de caráter interdisciplinar, é premente, pois o currículo disciplinar não dá conta das necessidades e da complexidade do mundo contemporâneo. Segundo Zabala, (2002, p.63) “o conhecimento científico estruturado em disciplinas coloca dois problemas básicos: sua insuficiência e sua fragmentação”.

A partir dos fragmentos acima, vemos que as áreas pedagógica e diretiva, possuem uma visão bastante próxima acerca daquilo que se espera de um currículo contemporâneo que contemple as diversas necessidades do ensino. Possuem uma perspectiva bastante crítica a respeito da problemática que envolve as mudanças necessárias para a concretização da proposta educacional. Contudo, existe uma carência de alternativas que possibilitem estas mudanças, faltam ideias e iniciativas para sua implementação. Estamos tão perto da interdisciplinaridade e ao mesmo tempo tão longe dela!

Em se tratando do corpo docente da instituição pesquisada, percebemos uma forte

disposição para o trabalho. Em quase todas as respostas os professores se consideram motivados e aptos para realizarem o trabalho interdisciplinar com seus alunos, sem deixarem de ressaltar a excelente qualidade do corpo docente da escola. A questão da formação pedagógica é ressaltada repetidas vezes ao longo das entrevistas, necessidade premente para que a metodologia alcance resultados satisfatórios. O tempo de planejamento e a necessidade de um trabalho integrado entre os diversos setores da escola é outra preocupação, aliada com o importante apoio da área diretiva. Podemos perceber estas intencionalidades nos excertos abaixo.

Quando questionados, sobre como um trabalho interdisciplinar deveria se realizado, obtivemos as seguintes respostas: “planejamento em grupo, trocas e colaboração coletiva”; “uma associação entre teoria e prática, pela manhã teoria pela tarde oficina afim com o conteúdo estudado (manhã)”; “Organização e planejamento para um trabalho por assuntos”; “projeto único, com eixo norteador”; “através de projetos pedagógicos”; “com a participação de todos (educadores e educandos)”; “planejamento e execução conjuntamente, envolvendo o maior número de disciplinas”; “deve ser elaborado pelo grupo envolvendo todas as áreas, definindo um assunto para ser analisado pelos alunos de diferentes formas”; “definir um projeto de trabalho e planejar coletivamente para uma prática integrada”; “Integração do planejamento e exceção das atividades”; “proposta da escola como um todo”; “estabelecendo objetivos e conteúdos mínimos” (respostas dos professores entrevistados).

A partir das respostas dos entrevistados surgem diversas sugestões de como um trabalho interdisciplinar pode ser estruturado, mas, todos apontam para a necessidade de um trabalho coletivo que busque integrar o maior número de disciplinas, que tenha um projeto único e com eixo norteador. Neste sentido Japiassu (1976, p.43) comenta: “A interdisciplinaridade é contra um saber fragmentado, em migalhas, pulverizado numa multiplicidade crescente de especialidades, em que cada um se fecha como que para fugir ao verdadeiro conhecimento”.

A respeito dos fatores que favoreceriam e dificultariam o trabalho interdisciplinar, em nossa escola, os docentes responderam da seguinte maneira: favorecem - “formação e qualificação docente”; “reuniões de planejamento, atenção aos interesses e necessidade dos alunos”; “escola ciclada, reuniões pedagógicas semanais”; “agregar disciplinas afins”; “escola ciclada”; “a diversidade de disciplinas”; “união do grupo, com metas comuns”; “integração dos docentes, formação pedagógica e criatividade”; “docentes qualificados e desejosos de inovações”; “tempo de planejamento, flexibilidade dos conteúdos”. Dificultam - “construção de um projeto coeso, pois cada integralizada é proposta e realizada diferentemente”; “estrutura escolar”; “má vontade e acomodação dos docentes”; “horários e vontade de executar o projeto”; “não ter um momento de

planejamento”; “resistência de alguns educadores”; “formação para a interdisciplinaridade”; “falta de tempo para realizar o planejamento e trocar ideias”; “pouco tempo para planejamento coletivo”; “disponibilidade de recursos (materiais, saídas de campo) e formação inadequada dos docentes” (respostas dos professores entrevistados).

Nesta passagem, os professores aparentemente entram em contradição quando afirmam que a falta de tempo de planejamento e de formação são fatores que dificultam; mas, ao mesmo tempo os professores afirmam que os mesmo fatores são facilitadores do processo. Penso que deve haver uma compreensão equivocada a respeito dos momentos de reuniões e formação pedagógica.

Com relação em acreditar se esse tipo de trabalho pode trazer algum benefício para o processo de ensino/aprendizagem, os docentes são categóricos em afirmar: “Sim, pois trata-se de uma metodologia estimulante e motivadora para docentes e alunos”; “sim, tempo integral é uma tendência mundial, mas vista como algo negativo por falta de projeto definido”; “sim, a contextualização dos conteúdos através de temas/ projetos”; “sim, pois qualifica o processo ensino/aprendizagem”; “Sim, valoriza o interesse dos alunos, motiva, facilita o trabalho, promove aprendizagens significativas”; “sim, o conhecimento é contextualizado (gera mais sentido)”; “sim, para uma contextualização e conseqüentemente a aprendizagem significativa”; “sim, pois rompe com a ideia de disciplinas mais e menos importantes”; “sim, é fundamental. Para qualificar o processo ensino/aprendizagem”; “sim”; “sim, desenvolvimento do pensamento complexo”; “sim, diminuição da violência, preparação para a vida” ” (respostas dos professores entrevistados).

Os excertos acima indicam que os docentes acreditam que a interdisciplinaridade trará benefícios ao processo de ensino/aprendizagem por proporcionar, entre outras características, um ensino contextualizado, motivador e mais significativo para os alunos.

Em relação às iniciativas consideradas por eles de fundamental importância para que a proposta se transforme em realidade em nossa escola, as respostas são muito diversas: “deve ser uma proposta de estado, que busque a qualidade da educação, rever questões administrativas (entraves)”; “a principal, boa vontade e acreditar na proposta defendendo-a”; “organização, iniciativa da área diretiva, apoio da área pedagógica, tempo de planejamento, espaço na escola”; “vontade da equipe (todos)”; “interesse e comprometimento dos docentes e apoio pedagógico”; “planejamento coletivo, projetos da longa duração, salas temáticas”; “motivação dos professores, formação continuada com temas específicos e incentivos da área diretiva”; “mais tempo para planejamento, formação docente para a interdisciplinaridade”; “escolher temas geradores, planejamento coletivo”; “romper com o pensamento curricular disciplinar por parte da

mantenedora, mais professores”; “definir objetivos”; “planejamento com liberdade, saídas de campo, estudos focados, planos de execução das atividades à desenvolver” ” (respostas dos professores entrevistados).

Acreditam que os principais entraves são a falta de políticas públicas, falam em falta de boa vontade de todos, faltam incentivos e, principalmente, romper com a lógica disciplinar do currículo. Segundo Zabala (2002 p. 67): “o referencial para determinar os critérios para a seleção de conteúdos de aprendizagem são as finalidades educativas”.

Por fim os professores foram questionados se se consideram motivados e preparados para adotar esse tipo de metodologia futuramente; as respostas foram quase que unânimes: “sim, já possuo experiência”; “às vezes, deve ser construída aos poucos e em conjunto”; “motivado, mas é preciso formação continuada”; “sim, motivado e com razoável preparo”; “motivada, mas é preciso uma melhor formação para que o trabalho seja eficaz”; “motivado e buscando qualificação”; “motivado, mas não muito preparado”; “sim, preparada”; “sim, motivado e preparado” (respostas dos professores entrevistados). Em relação às respostas acima, é muito bom saber que a motivação está presente em todas as falas dos professores, mas, ainda existe a carência em formação pedagógica para um projeto interdisciplinar. Assim, considero primordial que haja formação adequada para a implementação de uma proposta interdisciplinar.

Cruzamento entre os grupos pesquisados: aproximações e distanciamentos

Quando analisamos os excertos da pesquisa realizada com a área diretiva e de supervisão pedagógica podemos concluir que as duas áreas possuem uma visão sistêmica do processo. Colocam que é necessária uma mudança na estrutura física da escola, onde ambientes precisam ser adaptados, preocupação que se percebe com menos ênfase quando analisamos as entrevistas dos docentes. A área pedagógica coloca com muita propriedade a necessidade de investir esforços com a formação continuada dos professores para que sejam alcançados os resultados desejados; visão que foi muito enfatizada nas entrevistas com os professores, eles destacam que, apesar de estarem motivados e razoavelmente preparados, necessitam de formação específica e continuada, mencionam também, que as iniciativas devem partir da área diretiva. Ideia que confronta com a expectativa da supervisão pedagógica, que espera tais iniciativas do quadro docente.

O limite mais sério para a prática do trabalho pedagógico interdisciplinar situa-se na dominância de uma formação fragmentária, positivista e metafísica do educador e de outra nas condições de trabalho (divisão e organização) a que está submetido. (...) O especialismo na formação e o pragmatismo e o ativismo que impera no trabalho pedagógico constituem em

resultado e reforço da formação fragmentária e das forças que obstaculizam o trabalho interdisciplinar. (FRIGOTTO, 1995, p.46)

Quando a área pedagógica menciona a necessidade de tempo de planejamento, acaba destacando um dos principais fatores dificultantes da implementação de tal proposta; fato que também é destacado pelos docentes entrevistados: comentam sobre a necessidade de tempo de planejamento e integração dos diversos setores da escola. Ao interpretarmos as respostas fornecidas pelos docentes, percebemos grande motivação em suas falas, ao mesmo tempo, assumem a responsabilidade em buscar as transformações necessárias para alcançarem uma educação integral de qualidade.

O ensino através da interdisciplinaridade pode ser pensado como uma possibilidade de quebrar a rigidez dos compartimentos em que se encontram isoladas as disciplinas dos currículos escolares. No entanto, deve ser vista como uma etapa superior das disciplinas, disciplinas essas que se constituem como um recorte mais amplo do conhecimento em uma determinada área. Este recorte tem o objetivo de possibilitar o aprofundamento de seu estudo, é uma necessidade metodológica legítima e necessária, porém insuficiente para garantir a formação integral dos indivíduos. (FOLLARI, 1995)

Outro fator importante de ser destacado é com a preocupação que a área diretiva manifesta com relação às políticas governamentais e recursos materiais e financeiros que seriam necessários para o trabalho interdisciplinar. Fato que não é percebido entre as falas dos docentes, pelo menos tão claramente. Acredito que estes entendem que a responsabilidade pelas mudanças depende da sua própria iniciativa.

Por fim, os alunos, que aguardam ansiosamente por mudanças, gostam da escola e estão desejosos por mudanças. Manifestaram seu descontentamento com as abordagens metodológicas de ensino utilizadas pelos docentes e procuram se posicionar com muita convicção a favor de mudanças. Entendem que qualquer proposta que venha modificar a situação em que se encontra o ensino é positiva e manifestam o desejo de tentar algo novo. Onde o ensino escolar faça mais sentido em suas vidas. Precisamos ouvi-los!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se com muita intensidade que os alunos estão desejosos por mudanças, anseiam que a escola se transforme para melhor. Propostas inovadoras com a metodologia de ensino interdisciplinar, lhes parece uma possibilidade de transformação muito interessante para a escola. Esta pesquisa apresentou a relevância deste trabalho, pois busca traduzir uma realidade que é bastante próxima da realidade educacional brasileira, de modo geral. Ele tem sua importância na

medida em que provoca reflexão, em que o objetivo é construir iniciativas para a construção de um currículo interdisciplinar na escola.

A pesquisa teve como intencionalidade conhecer o pensamento dos professores, dos gestores e supervisores da escola e de seus alunos. Procurou investigar quais são as possibilidades de implementação desta proposta, e, principalmente, descobrir se os professores estão dispostos a implementar as inovações metodológicas que a interdisciplinaridade requer. Penso que o trabalho atinge seu objetivo na medida em que estabelece algumas questões que precisam ser superadas para que o projeto interdisciplinar venha a ser implementado.

Neste sentido, acredito que o trabalho responde o problema da pesquisa proposto com a seguinte afirmativa: sim, os professores estão dispostos a investir em uma metodologia interdisciplinar, com todos os fatores que resultam desta escola, desde que lhes seja dado o suporte pedagógico necessário. E os alunos, também. Sentem-se motivados e dispostos a experienciar um trabalho que busque inovações metodológicas. Esperam que a escola seja mais desafiadora, com metodologias de ensino mais dinâmicas e com mais interatividade entre professores e colegas.

Por fim, entendo, que a partir deste trabalho investigativo, tenhamos iniciado uma discussão reflexiva a respeito de criarmos uma proposta de interdisciplinaridade para nossa escola. Cabendo, daqui para frente, que novas iniciativas institucionais sejam tomadas em direção da construção de uma proposta, sólida e consistente, que busque no coletivo da escola estabelecer as principais diretrizes para a implementação da proposta.

Sinto-me feliz por conseguir realizar este trabalho, mas, ao mesmo tempo ficou evidente a necessidade de dar continuidade ao aprofundamento desta temática e dos resultados aqui apresentados. Dada a complexidade do tema e às diferentes variáveis que estão envolvidas no seu processo de implementação, cabe destacar que este trabalho exige muitos esforços e de tempo para a sua efetivação. Por isso, com este trabalho, não pretendemos dar uma resposta conclusiva, mas sim, uma contribuição para a continuidade da reflexão e para a melhoria de nossas práticas educativas.

REFERÊNCIAS

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro: efetividade ou ideologia?** São Paulo: Edições Loyola, 1979. FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa.** Campinas, São Paulo: Papirus, 1994.

FOLLARI, Roberto. **Algumas considerações práticas sobre interdisciplinaridade.** In.: JANTSCH, Ary; BIANCHETTI, Lucídio (orgs). **Interdisciplinaridade: para além da filosofia do sujeito.** Petrópolis: Vozes, 1995.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. **A Pedagogia da pesquisa-Ação. Educação e Pesquisa.** Revista da Faculdade de Educação da USP. Vol.31, fascículo 3.. p. 483-502. dez.2005.São Paulo 2005. ISSN: 15179702.

FREIRE, Paulo. **O papel da educação na humanização.** Revista Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1971.

FREIRE, Ana Maria. **Educação para a paz segundo Paulo Freire.** Revista Educação. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: PUC/RS, ano XXIX, n.2, p.387-393, Maio/Agosto, 2006.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **A interdisciplinaridade como necessidade e como problema nas ciências sociais.** In: JANTSCH, Ari & BIANCHETTI, Lucídio. (Orgs) **Interdisciplinaridade para além da filosofia do sujeito.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. p. 25-49.

GALEANO, Eduardo. **Nós dizemos não.** Rio de Janeiro: Revan, 1990.

JANTSCH, Ary. BIANCHETTI, Lucídio (orgs.). **Interdisciplinaridade: para além da filosofia do sujeito.** Petrópolis: Vozes, 1995.

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber.** Rio de Janeiro: Imago, 1976. 220p.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

PADILHA, P. R. **Currículo intertranscultural: novos itinerários para a educação.** São Paulo: Cortez, 2004.

PIMENTA S. G. et al. **Pesquisa colaborativa na escola como abordagem facilitadora para o desenvolvimento da profissão de professor.** In: MARIN, A. J. (Org.). **Educação continuada. Caminho para a formação continuada.** Campinas: Papirus, 2000.

PIMENTA, S. G. **Pesquisa-ação crítico-colaborativa: construindo seu significado a partir de experiências com a formação docente.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 521-539, set./dez.

ZABALA, Antoni. **Enfoque globalizador e Pensamento Complexo.** Porto Alegre. Artmed. 2002.